



Pensar a solidão e a busca de felicidade em *Tanta gente Mariana*, de Maria Judite de Carvalho

Thinking Loneliness and the Search for Happiness in Tanta gente Mariana, de Maria Judite de Carvalho

Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
teresalg@letras.ufrj.br

Resumo: O trabalho procura evidenciar a relevância da busca de felicidade nas personagens de Maria Judite de Carvalho e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de as personagens encontrarem a felicidade. Para tanto, apoiamos-nos, em primeiro lugar, na obra de Freud, que aponta, no artigo “O mal estar na civilização”, os obstáculos que conspiram contra essa busca. Apoiamos-nos também em Simone de Beauvoir, que mostra, em *O segundo sexo*, o quanto a busca de felicidade é um processo imposto à mulher, como uma espécie de camisa de força que lhe é imposta, com todo um caminho pré-determinado. Concluimos que a obra termina por evidenciar personagens que, embora tenham uma relativa consciência do processo no qual estão enredadas, não conseguem se libertar das amarras sociais em que estão enredados.

Palavras-chave: Maria Judite de Carvalho; busca da felicidade; solidão; imposições sociais.

Abstract: The work seeks to highlight the relevance of the search for happiness in the characters of Maria Judite de Carvalho and, at the same time, the impossibility of the characters to find happiness. To this end, we rely first and foremost on Freud’s work, which shows in the article *Culture and its discontents* the obstacles that conspire against this quest. We also support Simone de Beauvoir, who shows in *The Second Sex* how much the pursuit of happiness is a process imposed on the woman, like a straitjacket imposed on her, with a predetermined path. We conclude that the work

ends by highlighting characters who, although they are relatively aware of the process in which they are entangled, are unable to break free from the social ties in which they are entangled.

Keywords: Maria Judite de Carvalho; search for happiness; loneliness; social impositions.

Recebido em: 19 de junho de 2019.

Aprovado em: 7 de agosto de 2019.

À Graciete Besse, com carinho e gratidão.

Apesar de haver publicado uma série de obras, entre 1959 e 1998, ano da sua morte, participado de diversas coletâneas e colaborado regularmente em jornais e revistas, a escritora Maria Judite de Carvalho não obteve um reconhecimento a altura. A reunião de artigos *Maria Judite de Carvalho: une écriture en liberté surveillée* organizada por Maria Graciete Besse, Adelaide Cristóvão e José Manuel da Costa Esteves, em 2012, buscou reparar esse equívoco, oferecendo uma série de estudos sobre a obra da autora, destacando sua sensibilidade em relação à sociedade portuguesa e, ao mesmo tempo, chamando a atenção para a sua atualidade (2012, p. 9)

A tristeza, a solidão e a angústia marcam, com certeza, quase todas as mulheres criadas por Maria Judite de Carvalho. Provavelmente, não há grandes diferenças no que se refere à falta de perspectivas que as cerca, prisioneiras de um destino imposto antes por uma ordem social do que pelos pelos percalços e azares da vida, ainda que em muitos momentos os obstáculos sejam uma constante na trajetória das personagens, como que corroborando e reforçando suas tristes condições.

Mas o que pediram as personagens juditeanas da vida e o que desejaram nela realizar? O que as moveu como propósito maior e intenção de felicidade ao longo de suas existências e, num determinado momento, quebrou-se, fazendo-as desistir completamente dessa busca, conformando-as ao abandono, à solidão, ao silêncio e à renúncia de qualquer sonho? Afinal, como bem observa Freud (2010, p. 20), embora não exista uma regra de ouro que se aplique a todos os seres humanos

no que se refere à obtenção da felicidade, o que decide o propósito da vida é o programa do princípio do prazer. Todos nos esforçamos nessa atividade, ainda que, de acordo com as constatações do próprio teórico vienense, tal programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro. Ou seja, por mais que o programa do princípio de prazer não possa ser realizado, não podemos abandonar nossos esforços nessa busca de uma maneira ou de outra. Interessa-nos, portanto, examinar os elementos que conspiram para essas circunstâncias de mal estar ou de impossibilidade de felicidade no universo literário juditeano. Além do pensamento de Freud, contamos com o apoio de Simone de Beauvoir, para alcançar algumas pistas que nos permitam refletir sobre os projetos e frustrações das personagens.

Em nossa observação do movimento de busca e desistência da felicidade, voltamo-nos, sobretudo, para a obra *Tanta gente, Mariana* (CARVALHO, 1959), que reúne oito contos no texto de estreia da escritora. O conto *epônimo* será nosso alvo maior, mas observaremos também os demais contos do livro. Nossas análises se desenvolverão com o respaldo do ensaio “O mal estar na civilização” (FREUD, 2010), embora mencionemos outras obras do pai da psicanálise. Ao apontar a impossibilidade de felicidade na sociedade contemporânea, poucos pensadores esclareceram tanto sobre o desejo de ser feliz quanto o criador da psicanálise. O psiquiatra avalia os projetos para a felicidade humana conduzidos pelo programa do princípio de prazer e, sobretudo, os obstáculos para a sua realização na cultura de seu tempo. Freud terminou por analisar extensamente o desejo de felicidade, mostrando-nos que a vida social exige sacrifícios pulsionais enormes relacionados ao prazer, causando aos homens um mal-estar profundo e inviabilizando a realização do programa do princípio de prazer. Maria Judite de Carvalho, por sua vez, ao nos retratar a galeria de mulheres tristes e solitárias na pequena burguesia urbana portuguesa, também nos ensina muito sobre as suas expectativas de felicidade e sobre as suas frustrações. Sua obra ultrapassa o quadro social retratado e sugere reflexões que permanecem atuais.

No que se refere ao pensamento de Simone de Beauvoir, alguns estudiosos já apontaram o diálogo que a obra juditeana sugere. Para Besse, a escritora portuguesa nunca deixou de dar voz aos corpos sofredores das mulheres, especialmente as da pequena burguesia urbana (2012, p. 17). Quase sempre, afirma Besse, estamos diante de corpos imóveis, doentes

ou precocemente envelhecidos, que nos oferecem uma representação da mulher alienada e presa a uma condição subalterna numa sociedade patriarcal (2012, p. 17). Na conclusão de seu estudo sobre a novela *Tanta gente Mariana*, Besse chama a nossa atenção para a relação existente entre o sofrimento das mulheres como efeito de uma dinâmica de poder que torna o casamento e a maternidade um eixo prioritário das existências femininas (2012, p. 23). Em outro artigo, da mesma obra crítica, Fernando Curopos enfatiza igualmente a nítida condição de subalternidade feminina, especialmente no Portugal urbano, entre os anos 1950 e 1970, e o fato de as mulheres serem definidas unicamente a partir de suas relações com um homem (2012, p. 26 e 27). Mas o que desejamos enfatizar, na obra ficcional em questão, trazendo o pensamento de Beauvoir, é especialmente sua desconfiança em relação à expectativa de felicidade feminina e os aspectos na sociedade que a filósofa quer valorizar, a fim de que haja uma transformação, de fato, na condição da mulher.

O livro de ensaios mencionado sobre a obra de Maria Judite de Carvalho oferece muitas possibilidades de discussão, seja a partir de questões de gênero, seja a partir da poética de sua escritura, seja a partir da experiência do tempo, seja pela complexidade de situações envolvendo a ironia. Empregam-se, em todos esses artigos, adjetivos aparentemente muito próximos na caracterização das personagens femininas: são mulheres tristes, deprimidas, solitárias, angustiadas, amargas, desesperadas. Dentre todos esses adjetivos, gostaria, contudo, de destacar a solidão como o sentimento que melhor define a existência não apenas dessas mulheres, mas de uma série de diferentes personagens do universo juditeano. Uma solidão que nasce da incomunicabilidade ou do silêncio como um *leitmotif* permanente, como bem observou Maria Araújo, acentuando as suas características: “É um silêncio esmagador e destruidor que se associa à solidão radical e avassaladora da maioria das personagens” (BESSE, 2012, p. 46, tradução livre). A intensidade desse sentimento é tamanha que é sobretudo a partir dele que observamos uma desistência completa de qualquer via de felicidade. Muitos são os momentos em que essa solidão é acentuada. Logo na abertura do conto “Tanta gente Mariana”, ela nos é apresentada, em toda a sua concretude, na figura de um velho que é quase atropelado pelo motorista que conduzia a protagonista, levando esta a pensar: “Era como se estivesse muito longe daquela rua por onde seu corpo passeava e onde agora estava parado...”

Tão só aquele pobre velho, tão só!...” (CARVALHO, 1959, p. 10). Em várias outras passagens do conto, a solidão será convocada, numa espécie de refrão que martela a personagem Mariana e o mundo a sua volta em diversos momentos e ambientes. No café, ao lado de um grupo de amigos, ela expressa o sentimento de estar só em meio às pessoas conhecidas. Talvez essa seja uma das mais duras formas de se sentir só: “Eles falavam e de repente eu estava tão só, tão só que voltei a ter, como havia muitos anos, vontade de chorar” (1959, p. 26). Dentro do quarto da protagonista: “Fecho a janela, escondo a cabeça debaixo da almofada só para não dar por eles, para ficar só.” (1959, p. 32) E, logo adiante, comentando sua relação amorosa com o seminarista: “Levei anos – quantos? – a querer fugir duma solidão que me aterrorizava...” (1959, p. 33)

Em seu ensaio, Freud (2010) prossegue examinando as diversas fontes nas quais o homem busca realizar o programa do princípio de prazer e também os diversos obstáculos que impedem a realização de tal princípio. Segundo o psiquiatra, uma das mais intensas fontes de prazer e de felicidade é procurada por nós na relação amorosa. Por outro lado, ele imediatamente aponta:

Há, porventura, algo mais natural do que persistirmos na busca da felicidade do modo como a encontramos pela primeira vez? O lado fraco dessa técnica de viver é de fácil percepção, pois, do contrário, nenhum ser humano pensaria em abandonar esse caminho da felicidade por qualquer outro. É que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor.(2010, p. 10)

A protagonista de “Tanta gente, Mariana” pode ser vista como uma espécie de síntese de toda uma galeria de personagens desalentadas do universo juditeano, retratando um mundo vazio, desamparado, povoado de seres (em sua maioria mulheres) sem nenhuma alegria, à beira do suicídio, e longe de encontrarem qualquer razão que justifique suas existências.

Ao fazermos tal constatação, observamos, contudo, que, se as imagens de felicidade se encontram completamente ausentes, como vivência do presente ou como projetos para o futuro, o mesmo não é verdade para o passado de tais personagens. A maioria delas nutriu

sonhos, alimentou desejos, acalentou esperanças, muitas vezes modestas, de uma vida feliz, até a instalação de um crescente mal estar em relação ao mundo circundante.

Se existe nelas uma marca existencialista, como apontou Curopos (2012, p. 29) esta é bem distante da de um personagem como Meursault (CAMUS, 1997), para quem as experiências parecem se revelar como passageiras ou indiferentes, ou de uma GH (LISPECTOR, 1998), que transmite o inquietante valor da busca e da procura de si mesma. Em Maria Judite de Carvalho, a náusea existencial torna-se “o pão cotidiano do(s) personagem(s)” (CUROPOS, 2012, p. 29). Em alguns momentos, a impressão é de que existe mesmo uma tentativa de acentuá-la. Uma vez que as personagens não vislumbram possibilidade de escolha, terminam por precipitar-se no sofrimento. Esse gesto traduz, sem dúvida, o desespero. Contudo, muitas vezes, essa precipitação na dor parece ser uma opção consciente, como se este fosse o único momento em que dispusessem de alguma autonomia. Em “Tanta gente, Mariana”, a protagonista chega a facilitar a traição de seu marido, convidando a amante para jantar em sua casa, e não esboça nenhuma reação quando seu companheiro diz que vai deixá-la; pelo contrário, chega a ajudá-lo a partir mais tranquilamente:

Era difícil, ele nunca pensara que fosse tão difícil. Tinha de o ajudar ou então, nas **minhas relações comigo própria**, por vezes já tão tensas, haveria uma espécie de corte.

– Sabes, Antonio, estou de acordo com tudo que tu queiras. (1959, p. 32, grifos meus)

A atitude de passividade e aparente aceitação dos fatos se repete em vários outros momentos do conto. Quando é novamente abandonada pelo segundo amante, que a deixa para seguir a vocação religiosa, Mariana também não esboça reação. Apenas pensa consigo mesma: “a princípio sentira-me triste e desconsolada, mas agora começava a experimentar uma estranha sensação de liberdade, quase perturbadora naquele momento.” (1959, p. 40) Na verdade, parece existir dignidade e orgulho nesse seu comportamento, e pode-se depreender dele também um embrião da ideia de independência. Não podemos ainda falar de uma consciência ou desejo de independência. O que percebemos é que, em momento algum, vemos Mariana se lamentar pela perda de sua situação financeira ou pelo fato de passar a trabalhar, quase sempre, em condições bastante

desfavoráveis. Pelo contrário, o trabalho é buscado com naturalidade, embora seja considerado, em primeiro lugar, como algo necessário para a sua sobrevivência, e não uma fonte de prazer ou independência para a personagem. Tanto assim que, em meio à procura de formas de se sustentar, Mariana reflete:

Ali estava uma ocupação que me agradava cuja possibilidade nunca tinha me ocorrido. Muitas vezes pensara que gostaria de ser enfermeira ou professora primária, mas não estava habilitada para uma nem para outra dessas profissões. (1959, p. 48)

Percebemos, então, que quase todas as suas experiências profissionais a desagradaram, porque expressavam, antes, atividades impostas, por não haver muitas chances de escolha para a mulher, como se a personagem tivesse que descobrir com dificuldade cada uma das ocupações que poderia desempenhar.

Conforme observou Simone de Beauvoir, a maioria das mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional, pois elas não recebem da sociedade nem de seus maridos a ajuda que seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens (2008, p. 74). Daí, provavelmente, um dos motivos para a rejeição, por parte da intelectual francesa, da noção de felicidade, considerada como uma reivindicação não proveitosa para o universo feminino. Para Beauvoir, haveria sempre valores equivocados recobrando o conceito de felicidade, de tal forma, que seria fácil declarar como feliz uma situação que seria antes imposta a mulher: “Não há nenhuma possibilidade de medir a felicidade dos outros e é sempre fácil declarar como feliz a situação que se deseja impor à mulher” (2008, p. 42-43) Nesse sentido, a perspectiva de independência seria muito mais importante do que a de felicidade, para a intelectual, e deveria ser vista sempre como um perpétuo ultrapassar em direção às muitas liberdades (2008, p. 43).

O perfil de Mariana é bastante singular; contudo, seu comportamento indica aspectos típicos de um momento de transição no comportamento feminino: apesar de possuir traços do padrão da mulher de seu tempo, que vê no casamento e nos filhos uma fonte de realização, em muitos outros aspectos, a protagonista escapa ao modelo padronizado. Seus pensamentos não só dirigem-se criticamente contra o estereótipo imposto da dona de casa, mas vão além disso, como vemos no trecho a seguir,

ênfatizando a solidão inconsciente dessas mulheres e a forma como reproduzem cegamente o mesmos comportamentos:

Detesto as boas donas de casa. Se são pobres, esfalfam-se a trabalhar, se são remediadas ou ricas, arranjam uma ou mais pessoas para se esfalfarem em seu lugar. De qualquer dos modos, são escravas do trabalho ou então da vigilância, com outras escravas a sua ordem. A vida a correr lá fora, os maridos e os filhos a correrem com a vida, e as donas de casa a esfregar, a limpar, a dar brilho aos metais (...) O que a vida coreu e elas sem a verem. Sem darem por nada. Ficaram sozinhas e não se dão conta. O marido morreu sem nunca ali ter estado (...) e os filhos dos filhos a pensarem em fugir e a sonharem com outras raparigas apaixonadas... (1959, p. 45)

Nesse aspecto, um comportamento semelhante ao de Mariana aparece na mulher do conto “A mãe” da mesma obra (1959), embora ambas possuam circunstâncias de vida bastante distintas. A mulher sem nome de “A mãe” faz parte de uma camada mais privilegiada da sociedade: tem um casamento estável, uma vida econômica tranquila, não teve filhos por opção, e sua vida, até aquele momento, havia “deslizado como um rio brando, de leito bem horizontal, sem quedas nem rochedos a estorvarem-lhe o percurso” (1959, p. 75). No entanto, a uma determinada altura, por volta dos quarenta, a mulher realiza o vazio de sua existência. Não é um filho que lhe faz falta. Por isso, a palavra mãe aqui indica antes a imagem de um papel pré-estabelecido para todas as mulheres. A mulher do conto não repetiu o papel de mãe, mas repetiu outros estabelecidos por sua mãe; sem se dar conta, foi também reproduzindo ideias “que a mãe lhe transmitira da mãe que tivera...” (1959, p. 75). Ao adoecer e perceber a necessidade de dar um novo sentido a sua vida, “viver qualquer coisa de muito importante”, esta mulher termina iniciando um caso amoroso. Até que, após algum tempo, seu amante lhe diz que o que houve entre eles foi uma farsa, que ela foi usada apenas para um ajuste de contas deste com o seu marido. Ao saber que a sua traição virá à tona, a mulher resolve imediatamente suicidar-se e, tal como Mariana, não procura dissuadir o amante de sua decisão: “Era curioso. Não sentia o menor ódio por aquele homem, nem estava surpreendida com aquele desfecho. Era como se estivesse no campo dele, disposta a colaborar.” (1959, p. 80) A opção pelo suicídio é tomada pela personagem com toda a convicção e determinação,

sugerindo-nos, mais uma vez, uma dignidade e um breve momento de autonomia, ainda que esse gesto possa ser interpretado também como uma impossibilidade de sobrevivência dentro de um contexto alienado e conservador. Não por acaso, essa mulher não tem nome; depreendem-se de suas atitudes reações e sentimentos contraditórios, paradoxais, que indicam a opressão social existente, mas apontam para um momento de transição na história e no papel da mulher na sociedade.

No conto “Avó Candida”, acompanhamos um dia na vida de Clara e descobrimos também nela uma dignidade em suas ações. A personagem se mostra aparentemente consciente e independente em suas escolhas, ainda que a maior parte delas só lhe traga frustrações, como a relação com o rapaz que logo a abandonou ou o amor que sentia por um outro homem de quem suportara, pacientemente, as confidências sobre uma antiga paixão num café de Paris. Concluimos, então, que tais mulheres - Mariana, Clara, a mulher sem nome, e ainda outras personagens femininas do livro em questão – não cessam de se questionar e questionar as atitudes das pessoas a sua volta, seja o vazio das relações superficiais com os que a cercam, seja a si próprias. Todas elas possuem uma certa lucidez sobre suas condições, o que não é, entretanto, suficiente, para uma via de liberdade, menos ainda de felicidade. Observemos Clara:

Tinha o seu lar, que não era bem um lar porque vivia sozinha dentro dele, mas a que se havia acostumado – tinha a vida que escolhera – tê-la-ia de fato escolhido – uma vida livre, de mulher só. Já não saberia viver com os pais, com refeições a horas, visitas a quem teria de aparecer, o tricot à noite para não morrer de tédio. Perguntava às vezes a si própria se já saberia viver com alguém, de habituada que estava a não dar conta de seus actos, a fazer sempre, sempre, aquilo que lhe apetecia fazer. Sempre? (1959, p. 66-67)

Com certeza, existe na obra de Maria Judite de Carvalho um atentar para a condição feminina como espaço de profunda opressão e solidão, em função dos ideais pré-determinados para a mulher pela sociedade, (a bela casa, as crianças, o casamento). Tais ideais são sempre frustrantes: ora porque não são alcançados, ora porque, quando se alcançam, logo se revelam mesquinhos, ora porque, já de antemão, serão rejeitados por algumas mulheres que não são capazes de se encaixar nos modelos. A recusa de tais modelos, como vemos, não constitui, necessariamente, a

constituição de novos padrões de “mulher independente” (BEAUVOIR, 2008).

Embora exista nessas mulheres uma indicação da alienação da condição feminina, que termina sendo determinada por uma sucessão de comportamentos reproduzidos através de gerações de mulheres, sem maiores questionamentos, percebe-se que os sentimentos vividos por elas terminam indo além da questão da mulher oprimida e alienada, que tem seu papel moldado por uma sociedade patriarcal.

Em suas trajetórias, acompanhamos essa divisão. E Mariana é um exemplo clássico dessa ambivalência. Traduz o desejo de ir ao encontro de certos ideais, como a maternidade, o casamento e o lar, como única possibilidade de determinação. “Talvez tudo corra melhor para o ano. Podemos mesmo ter o menino, não achas? Gostava tanto...” Ao mesmo tempo, apresenta a consciente rejeição de determinados padrões, como o da mulher do lar: “Detesto as boas donas de casa. Se são pobres, esfalfam-se a trabalhar, se são remediadas ou ricas arranjam uma ou mais pessoas para esfalfarem-se em seu lugar.” (1959, p. 45)

Tal qual Mariana, Clara e a mulher sem nome tem os dias marcados pela solidão. De forma semelhante a primeira, que espera a morte encerrada em um quarto de pensão, Clara busca um isolamento, que a proteja da vida. Logo na abertura do conto “A Avó Candida”, acompanhamos esse seu desejo de fechamento, isolamento e quase morte:

Quem me dera hibernar como um bicho”. Pendurar-se pelos pés ou enrolar-se em si mesma (enrolar-se era mais cômodo) e esquecer tudo e acordar uns meses mais velha. Acordar velha seria o ideal. Não um pouco velha com alguns cabelos brancos e rugas a ter que disfarçar com cremes apropriados a fonds de teints muito espessos. O que ela gostaria era de acordar totalmente velha (...) Talvez os velhos e as crianças fossem mais autênticos por estarem mais **perto do nada**. (1959, p. 65, grifos meus)

Gostaríamos, ainda, de tecer algumas breves considerações sobre o isolamento auto-imposto pelas personagens nas obra juditeana. Entendemos que existe nele um comportamento muito próximo do sentimento de culpa. Conforme explica Freud, o “sentimento de culpa” é o mais importante problema no desenvolvimento da civilização. Após ter explicado a sua origem em *Totem e Tabu* (2013), Freud nos mostra, em “O mal estar na civilização”, que o preço que pagamos por nosso “avanço”

em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa.

Não pretendemos aqui analisar todos os contos a partir da perspectiva dos projetos de felicidade que foram frustrados. Mas podemos depreender, na maior parte deles, um mal estar que se forma e se avoluma, à medida em que as relações entre as pessoas vão apodrecendo, e a solidão e o vazio tomam conta de suas vidas, gorando os planos outrora imaginados. O “sentimento de culpa” surge também no conto “Noite de Natal”, dramática narrativa em que mãe e filha terminam por se suicidar após a última haver matado o “chefe da família”, enquanto defendia a mãe de mais uma das constantes agressões por parte do pai. Nesse sentido, o conto parece reencenar a cena da horda primeva, descrita por Freud em *Totem e tabu* (2013), quando a autoridade paterna é eliminada. Vale observarmos que, em relação ao sentimento de culpa, o psiquiatra nos explica que pouco importa se houve ou não uma má ação cometida, uma vez que as más intenções são igualadas às más ações.

Aproximamo-nos da conclusão de nosso estudo, cientes de que realizamos apenas um mero esboço da observação das expectativas de felicidade no conto “Tanta gente Mariana”. Retomamos uma das cenas mais emblemáticas da narrativa, na qual a imensa solidão que acompanhará a personagem Mariana ao longo de quase toda a sua vida se revela com toda a sua intensidade. É quando a protagonista, ainda uma adolescente, procura, inutilmente, partilhar esse sentimento com o pai:

Uma noite dos meus quinze anos dei comigo a chorar. Não sei qual foi o caminho que me conduziu às lágrimas, tudo já vai tão longe, perdido na fita branca do passado. Só me recordo de que meu pai me ouviu e se levantou. Sentou-se ao de leve na borda da minha cama, pôs-se a acariciar-me os cabelos, quis saber o que eu tinha. Estou só pai. Não é mais nada. Dei porque estava só e isso pareceu-me... Que parvoíce, não é? Estou agora só! E tu então? Tentei rir a tapar-e, já arrependida da franqueza, mas ele não colaborou e isso salvou-o da raiva que eu havia de lhe ter na manhã seguinte. Não se riu e a sua voz, quando veio, era muito doce, quase triste – Também deste por isso – disse brandamente. Também deste por isso. Há gente que vive setenta e oitenta anos, até mais, sem nunca se dar conta. Tu aos quinze... Todos estamos sozinhos, Mariana. Sozinhos e muita gente a nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós. **Ninguém pode. Ninguém queria, se pudesse. Nem uma esperança.**

– Mas tu, pai...

– Eu... As pessoas que enchem o teu mundo são diferentes das do meu... **No fundo é muito provável que algumas delas sejam as mesmas, mas aí está, se fosse possível encontrarem-se não se reconheciam nem mesmo fisicamente...** Como havemos de nos ajudar? Ninguém pode, filha, ninguém pode...

Ninguém pode. (1959, p. 19, grifos meus)

É importante notarmos que a solidão não se constitui, no texto, apenas como uma condição feminina, mas como uma circunstância inexorável da condição humana. A figura do pai, nesse contexto, é extremamente solidária. É toda ela compreensão. Contudo, o pai não dispõe de meios para confortar a filha. Ele a compreende, pois conhece e já sentiu, com certeza, no seu mais profundo íntimo a dor e a incomunicabilidade da solidão. Por outro lado, ele sabe que não pode ir além da sua compreensão. Não pode ajudar a sua filha a sair do isolamento: “Como havemos de nos ajudar? Ninguém pode, filha, ninguém pode.... Ninguém pode.” (1959, p. 101). A solidão constitui-se, como apontou Freud, em “O Mal estar na civilização”, como uma condição da qual não conseguimos escapar, uma vez que existem barreiras e obstáculos em muitos sentidos. A maior barreira de todas as barreiras reside na própria impossibilidade de comunicarmo-nos sem equívocos.

Essa mesma solidão, como par do silêncio e da incomunicabilidade termina por se revelar como par da morte, outro grande *leitmotif* na obra de M. Judite de Carvalho e de Freud. A morte acompanha as personagens de Maria Judite de Carvalho de forma tão obsessiva que não podemos deixar de pensar na proeminência que também a ela é dada na obra de Freud. Como lembra Feltrin Inada, citando Manzoni, ao estudar o conceito de felicidade na obra de Freud: “seja lá qual for o caminho que se escolha, o tema da morte, mesmo não-nomeado, ronda toda a temática freudiana do desejo, do prazer e da satisfação” (2011, p. 79). Isto porque, como observa Inada, as pulsões tem uma natureza conservadora, na medida em que visam o restabelecimento de um estado anterior. Nesse sentido, o prazer na obra de Maria Judite de Carvalho pode ser entendido, tal como em Freud, como ausência de desprazer, ausência de tensão, logo, desejo de auto-aniquilamento. Daí, a partir de um determinado momento, a morte se mostrar não só como uma saída, mas como uma verdadeira obsessão na vida de cada um dos personagens. É que para eles

buscar o prazer não é visar a um estado alternativo ao de evitar desprazer: é almejar sua própria ausência. E mais do que isso: se o aparelho psíquico, tal como vimos, está orientado, com efeito, pelos objetivos do princípio de prazer, isso equivale a dizer que visa, em última instância, a um estado de ausência de desprazer, ou seja, a um estado sem tensão. (FELTRIN INADA, 2011, p. 78)

Mariana, seu pai, Adérito, Clara, a Mãe, a menina Arminda, Emília, Dolores, Duarte, Luísa, Marcelino Ramos e também o pai opressor, João, assassinado pela filha; todos os personagens juditeanos, em suma, revelam-se como seres irremissivelmente mergulhados em suas ilhas comunicáveis, ávidos de amar, serem amados e felizes.

Referências

BESSE, Maria Graciete. Du corps excrit: *Tanta gente, Mariana*. In: BESSE, Maria Graciete; CRISTOVÃO, Adelaide; ESTEVES, José Manuel da Costa (org.). *Maria Judite de Carvalho*. Une écriture en liberté surveillée. Paris: L'Harmattan, 2012. p. 15-23.

BESSE, Maria Graciete; CRISTOVÃO, Adelaide; ESTEVES, José Manuel da Costa (org.). *Maria Judite de Carvalho*. Une écriture en liberté surveillée. Paris: L'Harmattan, 2012.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARVALHO, Maria Judite. *Tanta gente Mariana*. Lisboa: Arcádia, 1959.

CUROPOS, Fernando. Du modèle maternel en crise. In: BESSE, Maria Graciete; CRISTOVÃO, Adelaide; ESTEVES, José Manuel da Costa (org.). *Maria Judite de Carvalho*. Une écriture en liberté surveillée. Paris: L'Harmattan, 2012. p.25-33.

FELTRIN INADA, Jaqueline. O conceito de felicidade em Freud. *KinΣsis: Revista de Estudos de Pós-Graduandos em Filosofia*, Marília, v. 1, n. 1, p. 58-67, 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/JaquelineFeltrin>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.